



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Ferreira Franklin, Ricardo; Calvoso Garcia, Genilda; Gonzales Batista Lopes, Carlos
Caminhos da Pesquisa e a Contemporaneidade
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 243-250
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815202>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Caminhos da Pesquisa e a Contemporaneidade

Ricardo Franklin Ferreira ¹

Genilda Garcia Calvoso

Carlos Batista Lopes Gonzales

Universidade São Marcos

Resumo

O presente ensaio ressalta algumas questões associadas às concepções epistemológicas objetivistas que permeiam a ciência moderna. Discute a transformação que esse modelo de ciência vem sofrendo em função dos novos paradigmas de pensamento na contemporaneidade e a decorrente diversificação de métodos de pesquisa. É dada na discussão de métodos qualitativos. Conclui que, apesar do menor poder de generalização e da subjetividade do pesquisador nos resultados, a pesquisa qualitativa, em função da aceitação ampla dos fenômenos sociais, começa a ser vista como uma situação na qual ocorrem processos de produção de conhecimento. A correspondência entre fato e representação o critério fundamental para se validar o conhecimento e a pesquisa pragmática, a contemplar o quanto o conhecimento desenvolvido pode vir a trazer uma maior compreensão do ser humano.

Palavras-chave: Contemporaneidade; epistemologia; ciência; pesquisa qualitativa; subjetividade do pesquisador.

Research Pathways and Contemporaneity

Abstract

This paper focuses on matters associated with objective epistemological concepts that work as foundations for modern science. It also discusses the transformations that this science model has gone through as a function of new paradigms developed in contemporaneity, and its resultant diversity of research methods. Special emphasis has been given to qualitative research methods. It's concluded that despite the lower generalization power and the inherent subjectivity on this type of research, it starts to be seen as a situation in which meaning production processes occur in social phenomena. It is not, so far, the correspondence between the facts and representation the fundamental criterion to validate knowledge. But under a pragmatic vision, it changes towards satisfying the need of a better understanding of human beings.

Keywords: Contemporaneous age; epistemology; science; qualitative research; researcher's subjectivity.

Temos que reconhecer que a ciência moderna desenvolveu grandes formulações acerca do real, o que permitiu um grande poder de controle sobre os fatos da natureza. Suas metodologias bem constituídas, principalmente seus métodos quantitativos bem definidos, permitiram a descrição de muitos fenômenos através de uma linguagem matemática e forneceram ao cientista

diversificação de métodos de pesquisa, os chamados 'métodos qualitativos'.

A preocupação deste ensaio é, principalmente, para os métodos de conhecimento, que utilizam procedimentos visando o estudo estatisticamente irrelevante.

moderna? Não seria a defesa de métodos qualitativos, freqüentemente utilizados na psicologia social, uma justificativa para meras ficções de pesquisadores descompromissados com uma ciência séria, já que tais métodos determinam resultados com pouco poder de generalização? Qual é a segurança que temos de que a decantada ‘riqueza’ de resultados que os métodos qualitativos promovem não se constitui em simples conjuntos de irrelevâncias?

Este ensaio parte dessas indagações e desenvolve uma discussão sobre a importância e validade de tais métodos. Para isso, acreditamos ser fundamental uma análise dos pressupostos epistemológicos e sua inserção histórica, que servem de fundamentos aos diversos fazeres científicos.

A Ciência Moderna

O mundo sempre viveu uma multiplicidade de transformações que desafia e encanta. É notória a dificuldade de se acompanhar tal processo pois, viver num mundo em constante mudança, é jamais alcançar qualquer lugar estável e estático que possa prover segurança. A vida humana está em constante deslocamento. Como afirma Critelli (1996), referenciando-se em Heidegger, “ser-no-mundo como homem é habitar esta e nesta *inospatialidade*” (p. 17). A experiência dessa falta de acolhimento em que somos lançados é uma vivência de angústia.

Um dos projetos humanos, com importância fundamental para o homem contemporâneo e voltado para a recuperação da perda de segurança e o decorrente sentimento de angústia, foi o projeto da ciência moderna. Configurou-se num empreendimento, como analisa Bauman (1999), voltado para sustentação da ordem e a supressão do acaso e da contingência.

Um mundo ordeiro é um mundo que nos torna seguros. É um mundo de certezas no qual podemos calcular a probabilidade de um evento e aumentar ou diminuir tal probabilidade, de tal forma a assegurarmos que os sucessos passados nos sirvam de guias para outros

tornou-se sinônimo de dividir, classificar o mundo para, então, serem traçadas relações sistêmicas entre vários elementos identificados. Esta regra metodológica prefigurada no Método de Descartes que visa superar cada uma das dificuldades... em tantas possibilidades e quantas necessárias forem para a descoberta das ‘verdades’ (Descartes, 1637/1989, p. 44). A ciência moderna passou a conceber a natureza em termos de simplicidade e da regularidade, procurando explicar sobre ela observação e quantificação. A quantificação converteu-se numa categoria fundamental. A matemática passou a fornecer à ciência um instrumento fundamental de análise, com a lógica de investigação, elegendo-se a pesquisa científica como o procedimento canônico que visa à descoberta das leis intrínsecas da natureza.

Buscando esclarecer a idéia da redução do mundo, encontramos pistas importantes nas reflexões de Heidegger (1983), voltadas para as transformações sociais da modernidade e em relação a seus efeitos na vida humana nos séculos XVIII e XX. Para ele, na perspectiva do pensamento moderno, o mundo foi dividido em ‘mundo vivido’ e um ‘mundo sistêmico’.

O primeiro, constituído pelo espaço social, é definido pelas interações cotidianas, pelas experiências e pelas participações de um mundo familiar e cotidiano, a cultura onde estamos enraizados. O segundo, o mundo sistêmico, é definido pela estrutura institucional do mundo vivido e é a sociedade que se baseia na integração do laço social e na criação de normas entre grupos. Os processos que aí se dão ocorrem de forma solidários de pensamentos, questionamentos e buscas por ‘verdades’ sobre os fatos, normas e valores que são desconhecidos. Tais processos, entendidos como formas de representações simbólicas, criam condições que possibilitam a realização de ações, são compartilhadas simultaneamente, constituem tradições e valores. O desenvolvimento de agentes com competências e habilidades que tomam a palavra, interpretam crendices e buscam o entendimento e afirmam sua

na modernidade, a forma instrumental de racionalidade. Assim, o mundo sistêmico colonizou o mundo vivido.

O conhecimento, a partir de tal processo, passou a ser considerado como representação do mundo vivido, fruto de observações sistemáticas rigorosas e descontaminadas dos valores do sujeito que conhece. A meta da ciência moderna voltou-se para o desenvolvimento de representações do real, configuradas em idéias claras e simples, preferencialmente traduzidas através de formulações matemáticas. Desenvolveu-se a crença generalizada de esse processo permitir um controle mais efetivo e rigoroso da natureza. As representações que supostamente mantinham uma correspondência exata com o mundo real, conformidade identificada através dos sentidos, passaram a ser consideradas como conhecimentos verdadeiros. Tal perspectiva, aqui denominada de concepção epistemológica objetivista, buscava verdades contidas nos fatos, consideradas universais e a-históricas. Tal conhecimento permitiria, conforme Bauman (1999), “sustentar a ordem e negar ou suprimir o acaso e a contingência” (p. 10).

Os cientistas, referenciados em tais concepções, passaram a considerar como auto-evidente que aquilo que conhecem, com algumas distorções é claro, trata-se do real em si que se dispõe a eles. Tenderam a assumir que a forma pela qual o conhecimento se dá constitui-se fundamentalmente na captação, através dos órgãos dos sentidos, das informações, organizadas pela razão, que o objeto do conhecimento fornece ao conhecedor. É como se *o objeto informasse aquilo que ele é* e o conhecedor fosse mero *receptor passivo* de informações. Assim, através de um processo cumulativo, seria possível o desenvolvimento de ‘conhecimentos verdadeiros’, principalmente a descoberta de leis universais que configurariam o real.

Para Santos (1996), as leis, enquanto categorias de inteligibilidade, fundam-se num conceito de causalidade, em que é privilegiada a maneira pela qual as coisas ‘funcionam’, em detrimento do agente ou de sua finalidade. Nesse ponto, o conhecimento científico rompe

Como tentativa de solução desenvolveu estratégias voltadas de uma disciplina pessoal para configurada num método - e daria condições de realizar o conhecedor e o objeto de conhecimento como possível. Para tal, a ciência moderna tornou-se p mensuração dos fenômenos. Através do método, de expurgar pessoais que pudessem contaminar. Este processo permitiria ao cientista próprio discurso, pois este eliminaria particularidades do sujeito, e ruídos a serem eliminados. Busca um conhecimento objetivo sem humanos. A separação entre o conhecimento permitiria a consistência reduzida ao uso da razão, tornando todas as certezas” (Figueiredo,

O Mundo Contemporâneo da Ciência Moderna

Parece haver algum consenso de nos encontrarmos em um momento em que a modernidade, como análise de pertinência, já admite a impraticabilidade original. O projeto da ciência mergulhado em profunda crise mentalmente por uma crise de sentido e cujo término não pode ainda ser previsto. Seus sinais somente permitem a percepção de um paradigma emergente.

O conceito de crise, para Kuhn, está à idéia de ruptura que se instala quando uma teoria que está em pleno desenvolvimento é substituída pelo processo, e este pode ser biológico, social, cultural ou político.

insatisfação crescente pelo fato de o paradigma vigente não ser mais funcional na exploração de aspectos da realidade que desejam compreender mas não são levados em conta, vindo a gerar uma crise de transição. Nessa situação, há todo um trabalho de exploração da área que viola as expectativas paradigmáticas, através de negociações entre os distintos grupos de cientistas, encerrando-se quando há um reajuste no paradigma. Esta é a circunstância na qual a crise se instaura dentro de um processo íntegro e em crescimento, sendo assimilada em alguns setores ou na globalidade do processo. Nesse caso, o processo sairá transformado e fortalecido. Para Kujawski (1988), as crises da modernidade foram típicas neste sentido pois, à medida em que foram sendo assimiladas pelo processo de modernização, este tornou-se progressivamente mais vigoroso. No caso de um processo em declínio, situação em que a crise não é assimilada, pode haver a intensificação e desintegração do mesmo. Nesse caso, num primeiro momento a crise expressa-se como uma desconformidade ou contradição entre o processo e seu princípio regulador. Num segundo momento, com a intensificação da crise, o próprio princípio regulador passa a entrar em erosão. As transformações podem tornar-se tão intensas que, no caso da ciência, chegam a subverter de uma maneira radical a tradição existente em suas práticas, vindo a determinar não somente um ajuste no paradigma vigente, mas a uma mudança da própria concepção paradigmática. Para muitos pesquisadores, é provável estar-se mergulhado num desses momentos, no qual é colocada sob suspeita a própria forma de inteligibilidade do real proporcionado pelo paradigma da ciência moderna.

Cabe aqui especular sobre fatores que favorecem as mudanças paradigmáticas. Para Santos (1996), o questionamento da ciência moderna é fruto, tanto de fatores teóricos, quanto sociais. O próprio avanço científico propiciou a identificação das insuficiências estruturais do paradigma dominante. O aprofundamento

regularidades, com a possibilidade de se descobrir leis transcendentais ao mundo histórico.

Quanto à possibilidade de se alcançar a verdade, contida nos fatos, Nietzsche (1873/1977) e a tradição metafísica, já assinalava a necessidade de conviver com a idéia de a linguagem não poder captar a “coisa em si”, vista como a verdade. De o homem acreditar saber algo das coisas, ele não possui nada mais do que metáforas de poder. Nesse modo, correspondentes aos entes de o mundo, a ótica, na verdade, o cientista ‘cria’ descrições que não, como era suposto, revela o real.

Pensadores pós-nietzscheanos, como Foucault, juntaram-se também às críticas à tradição metafísica. Wittgenstein, Heidegger e Derrida, por Rorty (1988) como os três filósofos mais importantes do nosso século, “concordam que a concepção de conhecimento como representação do mundo é impossível por processos mentais espaciais e temporais. A concepção inteligível através de uma teoria geral da verdade deve ser abandonada” (p. 17). Neste aspecto, desenvolveu uma concepção profunda e radicalmente inovadora. Em sua obra clássica, *Ser e Tempo* (1927/1988), a concepção tradicional de conhecimento como correspondência e adequação ao real é criticada, analisada, sendo a questão da verdade colocada sob outro ângulo - como a descoberta do mundo sob o seu velamento. Não se aceita mais um fundamento para a verdade. Esta passa a ser construída de forma múltipla, contextual, ligada às condições concretas do homem.

O Paradigma Emergente, o Sujeito e o Conhecimento

Além do *conhecimento* e seus critérios, o *sujeito* e o *objeto* também passam a ser questionados. Os resultados de processos de construção de conhecimento consideram que nenhuma dessas três esferas pode ser considerada absoluta e definitiva. A concepção

enunciados. Na verdade, constrói-se, paralelamente, um objeto original. Ao mesmo tempo, nesse processo, o indivíduo constitui-se a si mesmo, como é sugerido, de uma forma consistente, por Berger e Luckman (1972).

Alguns pensadores dão mais elementos para apoiar essa concepção. Adorno (1993) ressalta ser a distância entre o pensamento e a realidade, o que a história depositou nos conceitos. Esta noção está em conformidade com a concepção de Gadamer (1993) para quem a cultura é o meio universal da experiência, na qual está-se enraizado, existindo através da linguagem. Não se é antes sujeito, para então utilizar-se da linguagem na construção de representações descontaminadas de subjetividade, como um instrumento sob o qual se tem poder. O sujeito é, tacitamente, constituído pela linguagem. Assim, os conceitos referentes à realidade, desenvolvidos pelo conhecedor, estarão sempre impregnados de conteúdos culturais seus. Sob essa ótica, são contestados dois dos pilares da concepção epistemológica sobre a qual se apoia o conhecimento moderno - a possibilidade de desenvolver-se conhecimentos sem a interferência de valores do observador e a de atingir-se representações verdadeiras do real.

Para Morin (1995), “o objeto e o sujeito, abandonados cada um a si próprio, são conceitos insuficientes... surgindo o grande paradoxo: sujeito e objeto são indissociáveis” (p. 61), de tal forma que, sujeito e objeto constituem-se mutuamente. Não se busca mais um distanciamento entre conhecedor e objeto, pois a ligação indissolúvel entre eles passa a ser pressuposta. Desse modo, o conteúdo do conhecimento não é mais nem o conhecedor, como considerado na tradição racionalista, nem a realidade em si, como na tradição empiricista, mas a realidade enquanto vivida pelo ser cognoscente.

No âmbito das neurociências, Maturana e Varela (1972, 1995) desenvolveram um trabalho muito esclarecedor no sentido de enfatizarem a relação de constituição entre sujeito e objeto na gênese do conhecimento. Para os organismos vivos, o conhecimento é limitado pela

uma proposição consensual: o conhecimento científico está sujeito à transitoriedade dependente de condições presentes num dado momento, sendo limitado pela organização biológica.

Queremos enfatizar o papel da participação construtiva no processo, a se pode mais eliminar o observador, a ser visto como eixo configurador, participando necessariamente, determinando a concepção de realidade, a construção da experiência estrutural, de tal maneira a não se ter somente um, mas, em que muitos mundos são possíveis, forem os observadores. Daí a concepção múltipla, ligada ao contexto observacional e historicamente localizada.

Tal posição pode sugerir um conhecimento em que tudo vale. Não é exatamente afirmar ser o conhecimento científico independente dos caprichos de um indivíduo (o conhecimento dependente dos caprichos de um indivíduo). Estamos querendo dizer que o conhecimento ser constituído por restrições tanto do objeto quanto do sujeito, salientar, sim, estar todo o conhecimento científico, relacionado às condições presentes no momento de sua produção, submetido e sendo por elas condicionado.

Enfatizamos que o homem, em suas várias experiências de vida, tem um conhecimento significativo e articulado de cor. A função do conhecimento, sob esta perspectiva, é permitir ao homem localizar-se no mundo, em projetos pessoais, sem a necessidade de representações “verdadeiras” da percepção, aprendizagem e experiência, consideradas como fenômenos contínuos do corpo e do mundo.

informação presente no ambiente (Miró, 1994). Assim, a capacidade de pensar sobre a realidade é limitada pelos esquemas conceptuais adquiridos através da história de vida e, disso decorre, terem as pessoas esquemas conceptuais diversos, em função da diversidade de suas histórias individuais, permitindo-lhes organizar os dados de suas experiências de uma maneira singular. O cérebro é concebido como um receptor ativo - determinante não somente do *output* (conduta), mas, de seu próprio *input* sensorial. As pessoas têm *inputs* distintos frente ao mesmo estímulo, um processo de natureza tanto psicológica quanto fisiológica.

Outro aspecto importante a ser ressaltado refere-se à concepção de verdade. Não negamos a importância do conceito prático da verdade. É um conceito extremamente valioso para a existência cotidiana, regulando as vivências concretas. Questionamos uma concepção de verdade com caráter transcendental e absoluto. Os critérios de verdade são construções, contingentes e determinados pelas práticas sociais, convencionados socialmente e sofrem modificações constantes em função das próprias transformações sofridas pelos grupos sociais. Assim, o critério para avaliar qualquer conhecimento deixaria de ser uma referência absoluta de verdade e sim, como sugere Ibañez (1994), o juízo sobre sua coerência, sobre sua inteligibilidade, sobre as operações que ele permite realizar e, principalmente, sobre sua utilidade para a existência concreta. Em síntese, o conhecimento passa a ser validado, não mais por seu valor de verdade e sim pelo seu valor de uso e por sua funcionalidade.

Desse modo, os cientistas são produtos de épocas e contextos sociais específicos e não estão “apenas engajados na descrição passiva de fatos preexistentes sobre o mundo, mas, também, estão engajados na formulação ou construção ativa das características desse mundo” (Woolgar, 1988, p. 15). Assim, o conhecimento científico deixa de ser considerado como simples expressão do caráter efetivo do mundo mas, mais que isso, reflete

vida, discurso do senso comum. Santos (1995) denomina de ‘aplicação edificante’ e, dentre as características, ressaltamos as seguintes: (1) os cientistas devem voltar-se para uma situação real; (2) “quem aplica está existencial, ético e comprometido com o impacto da aplicação”; (3) as aplicações decorrentes do conhecimento devem procurar novas alternativas de realidade e, portanto, as institucionalizadas devem ser questionadas; (4) promover violência em vez de argumentação e, em vez de comunicação, o estranhamento e a solidariedade; (5) a aplicação dos conhecimentos deve ser contextualizada tanto pelos meios como pelos fins, decorrendo dever o cientista falar como o cidadão e, simultaneamente, no mesmo discurso.

A ciência, para Maturana (1995), é uma atividade humana realizada pelos cientistas e observadores que explicam o que observam. Explicar é descrever a experiência pessoal e por parte do pesquisador. “O observador vivo, pela sua constituição, não pode fornecer esclarecimentos ou alegações que desverem qualquer coisa que seja independente dos dados dos quais ele profere suas explicações” (p. 165). Nesse sentido, a ciência é construída no campo cognitivo, não se ocupando com a realidade num sentido transcendental. Explicar “as experiências humanas” (p. 196). A verdade é um argumento que exige a explicitação das condições de constituição e validação. A natureza da ciência como um campo autônomo de entidades e sim, como algo que surge mediado pelo campo de experiência de um observador. O pesquisador consiste em o observador e o processo de aprendizagem dos critérios de aplicação das explicações científicas,

Nas pesquisas de teor empiricista, privilegiadas na concepção moderna de ciência, são importantes os *critérios de validade*, isto é, o grau de correspondência entre a medida e o que está sendo medido e o de *fidedignidade*, referindo-se à possibilidade de replicação das medidas encontradas. Entretanto, a partir das concepções epistemológicas emergentes esses critérios devem ser re-contextualizados, principalmente em estudos que cada vez mais vêm se desenvolvendo na psicologia. Sob essa ótica, pesquisas qualitativas passam a ser mais valorizadas e a realidade estudada a ser considerada como um fenômeno cultural, histórico e dinâmico, experienciado e descrito por um pesquisador a partir de seu ato de observar. Assim, de acordo com Spink (1997), numa pesquisa qualitativa, outros processos passam a ser privilegiados - passa-se a enfatizar a *especificidade* da situação de pesquisa, isto é, a descrição detalhada e rigorosa do contexto da pesquisa, do caminho percorrido pelo pesquisador e de como procedeu em sua interpretação, permitindo uma visão caleidoscópica do fenômeno estudado. A pesquisa qualitativa, em função da aceitação ampla da processualidade dos fenômenos sociais, passa a ser vista como uma situação na qual ocorrem processos de produção de sentido, em que pesquisador e participantes estão envolvidos e não, simplesmente, como uma situação onde processos externos ao observador estejam sendo representados de uma forma verídica. Torna-se importante, então, a explicitação dos *critérios envolvidos na escolha dos participantes*, pois eles deixam de ser vistos como simples sujeitos a fazerem parte de amostras representativas de uma população, e a *explicitação de aspectos do pesquisador*, ou seja, de como suas características, seus interesses e valores pessoais incidem sobre o delineamento da pesquisa e sobre suas interpretações.

Na mesma direção apontada por Spink (1997), para Alves (1991), o planejamento de pesquisas qualitativas envolve uma metodologia lógica orientada pelo processo de investigação. Para isso, torna-se necessário que sejam mencionadas as decisões e a adequação dos procedimentos

pertencem. Deixa de ser a cor-
representação, o critério func-
conhecimento e passa-se, num
contemplar o quanto o conhe-
vir a trazer uma maior compr-
ser humano, tanto em termos
portanto sendo privilegiado um

Conclu

A realização de pesquisa
verdades transcendentais? Ao
interessante termos métodos
conhecimento ‘verdadeiro’? A
cremos que isso não seja poss-
do conhecimento não pode ser-
temos que nos submeter e
esbarramos em limitações on-

Os resultados de pesquisa
serão impregnados por int-
pesquisador, assim como
trabalhos de teor quantitativo,
os conteúdos pessoais do ob-
eliminados, pois ele é, como
configuracional do conhecim-

O conhecimento elabora-
pesquisa não são meras ficçõ-
conhecimento sofre influênci-
por parte do sujeito e da cultur-
por parte do objeto.

Assim, se não podemos ati-
pelo fato do pesquisador estar
no ato de observar o fenô-
discurso científico, acreditar
desenvolvimento de metod-
situações de construção de s-
para favorecer a melhoria da
que tais trabalhos contenham

- Ferreira, R. F. (1998). Aspectos epistemológicos do enfoque construtivista nas terapias cognitivas. Em R. F. Ferreira & C. N. Abreu (Orgs.), *Psicoterapia e construtivismo: Considerações teóricas e práticas* (pp. 83-95). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Figueiredo, L. C. M. (1995). *Revisitando as psicologias: Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC.
- Gadamer, H. G. (1993). *Verdad y método: Fundamentos de una hermenéutica filosófica* (5ªed.). Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme.
- Habermas, J. (1983). *Para a construção do materialismo histórico* (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Heidegger, M. (1988). *El ser y el tiempo* (2ª ed.). Mexico: Fondo de Cultura Economica. (Original publicado em 1927)
- Ibáñez, T. (1994). La construccion del conocimiento desde una perspectiva socioconstruccionista. Em M. Montero (Org.), *Conocimiento, realidad y ideología* (pp. 39-48). Caracas: Asociacion Venezolana de Psicologia Social /AVEPSO.
- Kuhn, T. S. (1970). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago.
- Kujawski, G. M. (1988). *A crise do século XX*. São Paulo: Ática.
- Mahoney, M. J. (1991). *Human change processes*. New York: Basic Books.
- Maturana, H. (1995). Ciência e cotidiano: A ontologia das explicações científicas. Em P. Watzlawick & P. Krieg (Orgs.), *O olhar do observador* (pp. 163-198). Campinas, SP: Editorial Psy II.
- Maturana, H. & Varela, F. (1972). *De máquinas y seres vivos*. Chile: Editorial Universitaria.
- Maturana, H. & Varela, F. (1995). *A árvore do conhecimento: Sobre o entendimento humano*. Campinas, SP: Editorial
- Miró, M. T. (1994). *Epistemologia evolutiva y psicología y psicoterapia*. Valencia: Promolibro.
- Morin, E. (1995). *Introdução ao pensamento complexo*. L.
- Nietzsche, F. W. (1978). Sobre verdade e mentira. Em F. Nietzsche (Org.), *Obras incompletas* (pp. 4
- Cultural. (Original publicado em 1873)
- Prigogine, I. & Stengers, I. (1984). *A nova aliança: A ciência e o homem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Rorty, R. (1988). *A filosofia e o espelho da natureza*. Lis
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*.
- Santos, B. S. (1996). *Um discurso sobre as ciências*. Porto:
- Spink, M. J. P. (1997). O sentido da doença: A contribuição qualitativos na pesquisa sobre o câncer. Em M.
- A mulher e o câncer* (pp. 197-224). Campinas, SP:
- Vasconcelos, E. M. (1999). *Educação popular e a atenção*. Paulo: HUCITEC.
- Woolgar, S. (1988). *Science: The very idea*. London: E